

Estereótipos e pré-construídos no *site* do Partido Social Democrata Cristão

(Stereotypes and pre-builts on the Christian Social Democratic Party website)

Edvania Gomes da Silva¹

¹Departamento de Estudos Linguísticos e Literários– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

edvania_g@yahoo.com.br

Abstract: The main objective of this work is to analyze the discursive lines present on the Christian Social Democratic Party (CSDP) website. For that, I see how this Party rebuild crystallized images about the family, the nation, Christian, etc. through an evaluation of the linguistic traits present on the site <http://www.psd.org.br/>. The central axis of the discussions of this research is based on the notion of cenography, proposed by Maingueneau and stereotype notion, as defined by Lippman and by Amossy and Pierrot.

Keywords: religious discourse; politic party; cenography; stereotype.

Resumo: O principal objetivo deste trabalho é analisar os traços discursivos presentes no site do Partido Social Democrata Cristão (PSDC). Para tanto, verifico como esse partido reconstrói imagens cristalizadas acerca da família, da nação, do cristão, etc., e analiso os traços linguísticos presentes no site <http://www.psd.org.br/>. O eixo central das discussões dessa pesquisa está situado na noção de cenografia, proposta por Maingueneau, e na noção de estereótipo, conforme definido por Lippman e por Amossy e Pierrot.

Palavras-chave: discurso religioso; partido político; cenografia; estereótipo.

Considerações iniciais

A relação entre política e religião não é algo novo.¹ Há muito tempo, temas relacionados à liberalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo, à descriminalização do uso da maconha, e também à descriminalização do aborto, fizeram/fazem parte, em alguma medida, de quase todas as campanhas políticas no Brasil. Obviamente, nenhum desses temas pertence exclusivamente ao campo religioso (até porque, segundo o que defende a Análise de Discurso, os temas, assim como os sentidos, não são fixos, eles dependem dos discursos que deles se apropriam).² Contudo, não se pode negar o interesse

1 No Brasil, só para citar um exemplo, nas eleições presidenciais de 1989, o então candidato e posterior vencedor Fernando Collor de Mello pagou a Miriam Cordeiro, uma ex-namorada do também candidato e principal adversário de Collor, Luiz Inácio Lula da Silva, para afirmar que Lula oferecera dinheiro a ela para abortar a filha dos dois, Lurian. Depois das eleições, Miriam e a própria Lurian, hoje jornalista e política filiada ao PT de Santa Catarina, desmentiram a versão de Collor e confirmaram a de Lula, que sempre negou as acusações. Entretanto, já era tarde, pois Lula perdera as eleições.

2 Maingueneau, no livro *Gênese dos discursos*, quando trata da questão dos *temas impostos*, defende que, mesmo quando se trata de um tema imposto a um determinado posicionamento, como é o caso, no discurso político eleitoral, de temas como “aumento das liberdades, segurança dos cidadãos, qualidade de vida etc...” (MAINGUENEAU, 2004, p. 88), a forma de abordar o tema imposto dependerá da semântica global que rege o funcionamento semântico-discursivo do posicionamento analisado. Ou, em outras palavras, os temas “serão tratados diferentemente pelos discursos, que são obrigados a considerá-los” (MAINGUENEAU, 2004, p. 89).

de setores do referido campo (igrejas, associações cristãs, etc.) por temas que se ligam, de alguma forma, a uma “moral religiosa”.

Neste artigo, analiso alguns traços linguístico-discursivos que se encontram materializados no *site* do Partido Social Democrata Cristão (PSDC). Trata-se, mais precisamente, de verificar como o referido partido (re)constrói imagens cristalizadas acerca da família, da nação, do cristão. Para tanto, analisarei dados coletados no *site* <http://www.psd.org.br/>. Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo, cujo título é “A relação interdiscursiva entre política e religião”. Para análise do material do PSDC, considerarei, principalmente, as noções de estereótipo e de cenografia.

Sobre a noção de estereótipo

No que diz respeito ao conceito de estereótipo, Amossy e Pierrot (2005) mostram que esta é uma noção que interessa a diferentes disciplinas e que, cada uma dessas disciplinas, constrói seu objeto em função de sua lógica própria e, como não poderia deixar de ser, de seus interesses. Nesse sentido, ainda segundo as autoras, o estereótipo surge como um objeto transversal da reflexão contemporânea nas ciências humanas.

O termo “estereótipo” surge relacionado ao campo da tipografia e diz respeito a algo que é “impresso com placas cujos caracteres não são móveis, e que se conservam para novas tiragens” (LAROUSSE, 1875 apud. AMOSSY; PIERROT, 2005, p. 30). A palavra estereotipia liga-se, portanto, à ideia de rigidez, pois supõe algo que não se modifica, que é fixo, cristalizado. O estereótipo no sentido de esquema ou de fórmula cristalizada aparece no século XX e se converte em um centro de interesse para as ciências sociais desde os anos 1920 do referido século.

O primeiro autor a utilizar o termo *estereótipo*, no seu sentido atual, foi o americano Walter Lippmann. Para Lippmann, os estereótipos são imagens da nossa mente que mediatizam nossa relação com o real. Nesse sentido, a estereotipia é concebida pelo referido autor como um fenômeno intrínseco à vida em sociedade, pois, “na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura” (LIPPMANN, 2008, p. 85). Nesse caso, estereótipo é uma imagem fixada pela sociedade.

No que diz respeito à importância da noção de estereótipo para Análise de Discurso Francesa (doravante AD), Amossy e Pierrot (2005, p. 112) afirmam que, “a análise de discurso na França, surgida em fins dos anos sessenta, se interessou pouco pela estereotipia, mas instaurou um marco favorável ao seu estudo”. Para as autoras, a primeira aproximação possível entre estereótipo e AD está relacionada à noção de pré-construído.

De acordo com Henry, *efeito de pré-construído* (ou encaixe) é o termo utilizado para “designar o que remete a uma construção anterior e exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (HENRY, 1990, p. 99). Trata-se, ainda segundo o autor, do efeito discursivo ligado ao *encaixe* sintático. Esse é um dos principais pontos de articulação entre Teoria do Discurso e Linguística, pois mostra que existe uma forte relação entre aquilo a que Pêcheux (1997a) chama de base linguística e os diferentes processos discursivos. Trata-se, ainda segundo Pêcheux (1997a), da relação de discrepância entre domínios de pensamentos diferentes: um anterior (já pensado antes, desde sempre) e um realizado na situação de enunciação.

Retomando Amossy e Pierrot, verificamos que, para as referidas autoras, o estereótipo se relaciona duplamente com o pré-construído:

[...] no sentido de que designa um tipo de construção sintática que põe em jogo o pré-afirmado, e, em um sentido mais amplo, de que o pré-construído funciona como uma marca, em um enunciado individual, de discursos e juízos prévios, cuja origem foi apagada. (AMOSSY; PIERROT, 2005, p. 113)

Em outras palavras, a noção de estereótipo liga-se, em alguma medida, ao conceito de memória discursiva, pois supõe a existência de algo que antecede e fundamenta a emergência dos enunciados.

Neste trabalho, recorro à noção de estereótipo para mostrar que, nos dados encontrados no site do PSDC, as diferentes cenografias, ou seja, as diferentes formas de inscrição textual estão relacionadas a imagens previamente construídas e cristalizadas nos discursos com os quais o enunciador PSDC se identifica.³

Sobre a noção de cenografia

De acordo com Maingueneau, o enunciador não é um ponto de origem estável que se expressaria dessa ou daquela maneira, ele está inserido em uma determinada cena enunciativa e é a partir desse “lugar” que o fiador assume um certo *modo de enunciação*. Nesse sentido, para além do *ethos*, que diz respeito à imagem do enunciador, caberia ao analista verificar a constituição desse modo de enunciação que, juntamente com a imagem do fiador do discurso, forma aquilo a que Maingueneau chama de quadro cênico.

A cena de enunciação integra três cenas: a *englobante*, a *genérica* e a *cenografia*. Juntas, elas compõem um quadro dinâmico que torna possível a enunciação de um determinado discurso. Segundo Maingueneau, há, nesse diálogo entre cenas, o estabelecimento de uma relação paradoxal, pois, “desde sua emergência, a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação”. (MAINGUENEAU, 2004, p. 77) Ou seja, ao enunciar, o fiador institui uma cena e é essa cena que vai validar sua própria enunciação.

Para além da cena englobante e da cena genérica, que, segundo Maingueneau, compõem o quadro cênico de um texto, o que mais interessará na análise aqui empreendida será o estudo da *cenografia*. A cenografia pode ser definida como “um correlato da própria enunciação, pois é esta última que, ao se desenvolver, esforça-se por constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala” (MAINGUENEAU, 2004, p. 87). Ela leva o quadro cênico (cena englobante e cena genérica) a se deslocar para um segundo plano, pois quando um texto apresenta uma cenografia, é por meio dela que esse texto se mostra ou se dá a conhecer a seu co-enunciador. Isso ocorre porque “qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação que o torna pertinente”. (MAINGUENEAU, 2004, p. 75). Ainda segundo Maingueneau (2004), o termo *cenografia* não corresponde apenas à ideia de “teatro” ou de “encenação”. À noção teatral de “cena” o autor acrescenta a de - *grafia*, de inscrição.

³ O termo “enunciador PSDC” diz respeito a todo aquele que se identifica com o discurso materializado pelo Partido da Social Democracia Cristã (PSDC) e que torna-se sujeito desses discursos. Trata-se, portanto, não do sujeito empírico, pragmático, mas de uma imagem criada no/pelo discurso.

Isso porque, segundo ele, “uma enunciação se caracteriza, de fato, por sua maneira específica de inscrever-se, de legitimar-se, prescrevendo um modo de existência no interdiscurso”. (MAINGUENEAU, 2004, p. 77) Nesse sentido, a enunciação instaura seu próprio dispositivo de fala. Por isso, “a -grafia deve ser apreendida, ao mesmo tempo, como quadro e como processo” (MAINGUENEAU, 2004, p. 77). Para analisar a cenografia de um texto faz-se necessário, portanto, considerar, em alguma medida, a dinamicidade da enunciação, afinal, não se trata de um quadro estático, mas de um processo no qual entram em *cena* fatores tanto da ordem do enunciado quanto da ordem da enunciação.

Análise dos dados

Ato de Confirmação

Um dos *links* do *site* oficial do PSDC chama-se “Ato de confirmação”. Ao clicarmos no referido *link*, encontramos um texto, cujo título é justamente “Ato de confirmação”. Vejamos o que diz o texto:

(01) Ato de confirmação

SOU UM SOCIAL DEMOCRATA CRISTÃO!

Em primeiro lugar, sou CRISTÃO, e porque sou Cristão, sou seguidor de Cristo, tenho compromisso com os princípios do Cristianismo e quero dar, sempre, em todo o tempo e em todo o lugar, testemunho do Evangelho. E porque sou Cristão, sou DEMOCRATA, tenho compromisso com a Democracia, onde todos os homens são livres e iguais. E porque sou Cristão e Democrata, tenho compromisso com a JUSTIÇA SOCIAL e quero construir em nosso País, uma sociedade verdadeiramente Livre, Justa e Solidária, onde todos tenham a mesma oportunidade. E porque sou SOCIAL, DEMOCRATA e CRISTÃO, meu compromisso maior é com a FAMÍLIA, com a defesa de seus valores e o atendimento pleno de suas necessidades, e meu objetivo fundamental, a construção de um País de todos e para todos, UM SÓ BRASIL PARA TODOS OS BRASILEIROS.

As palavras grafadas em caixa alta nos mostram de que lugar “fala” o enunciador PSDC. Essas palavras são apresentadas como princípios norteadores, seguidos por todo democrata cristão. Nesse sentido, tais palavras materializam certas imagens cristalizadas, certos pré-construídos, que funcionam, para o enunciador PSDC, como normas, diretrizes. No caso, por exemplo, do termo CRISTÃO, o enunciador PSDC afirma-se cristão – em primeiro lugar, sou cristão –, e em seguida, acrescenta o conectivo “e”, que, nesse caso, serve para introduzir e intensificar o “porque” causal usado logo em seguida. Para Maingueneau, quando recorre ao “porque” causal em uma construção do tipo P porque Q, “o locutor coloca P como algo conhecido, incontestável, enquanto Q pode ou não ser conhecido pelo interlocutor” (MAINGUENEAU, 1997, p. 172). Ou, como afirma Ducrot:

Em lugar de afirmar brutalmente um fato – o que poderia suscitar a ideia de que ele é contestável – propõe-se uma explicação, o que faz aparecer o próprio fato, desprovido de qualquer dúvida. (DUCROT, 1975, p. 260 apud. MAINGUENEAU, 1997, p. 172)

Portanto, para o enunciador PSDC, sua identidade cristã é um fato incontestável, além de ser o fundamento de sua identidade, uma vez que “cristão” é o primeiro termo que aparece em caixa alta no texto. Em seguida, na frase subsequente, tal identidade é apresentada como causa (e porque sou cristão) para que este enunciador seja “seguidor de Cristo”, tenha “compromisso com os princípios do Cristianismo” e queira dar,

sempre, em todo o tempo e em todo o lugar, testemunho do Evangelho”. Nesse caso, o enunciador PSDC assume um determinado lugar, mostra-se partidário de certos discursos para os quais ser cristão implica uma série de prerrogativas. Contudo, ao mesmo tempo que tenta conter a deriva dos sentidos, tornando “preciso” o termo cristão, o enunciador PSDC também deixa no texto alguns silêncios, que só podem ser preenchidos pelo seu co-enunciador. No enunciado que estamos analisando, o cristão é definido como aquele que tem compromisso com os princípios do cristianismo, mas esses princípios não são explicitados no enunciado. Neste caso, remete-se a um campo discursivo, o campo cristão, e aos saberes deste campo. Na continuidade desse período, lemos “e querer dar, sempre, em todo o tempo e em todo o lugar, testemunho do Evangelho”. Neste caso, a intercalada grifada também aponta para um certo funcionamento discursivo, pois, ao intensificar, por meio do advérbio “sempre” e da explicativa “em todo tempo e em todo lugar”, a necessidade do cristão de querer dar testemunho do Evangelho, o enunciado em questão passa a funcionar como uma espécie de explicação/justificativa para a existência de um partido político que mantém relação com o campo religioso, pois, a frase “sempre, em todo tempo e em todo lugar” inclui até mesmo a política.

A estrutura “P porque Q” se repete em todo o texto. Na segunda construção que apresenta esta estrutura, “ser cristão” é o motivo, a causa para se ser democrata e, consequentemente, para se ter “compromisso com a democracia”. Aqui, a construção argumentativa produz o efeito de sentido de que a relação entre “cristianismo” e “democracia” é incontestável, apagando outros discursos que também circulam em nossa sociedade e que mostram que o cristianismo não é democrático, uma vez que defende a existência do “reino” de Deus, reino este que pressupõe obediência hierárquica e não democracia. Ainda nesse trecho, a intercalada “onde todos os homens são livres e iguais”, funciona como uma explicação para o termo “democracia” e, portanto, exerce nesse enunciado um efeito de sustentação, funcionando como um pré-construído. Para o enunciador PSDC, democracia é sinônimo de liberdade e de igualdade entre os homens. Essa relação com a igualdade também encontra-se materializada no final do texto, na frase UM SÓ BRASIL PARA TODOS OS BRASILEIROS, também está grafada em caixa alta. Além disso, na análise do jingle do candidato José Maria Eymael também vemos materializada, como veremos na análise do exemplo 5, a noção de igualdade.

Voltando à análise do texto do exemplo 1, vemos que, na continuidade do texto, ser cristão e ser democrata são apresentados, respectivamente, como causas para o suposto compromisso do enunciador PSDC com a justiça social e com o fato deste enunciador querer “construir, em nosso País, uma sociedade verdadeiramente Livre, Justa e Solidária, onde todos tenham a mesma oportunidade”. Aqui, o advérbio de intensidade “verdadeiramente”, que incide sobre as expressões “Livre, Justa e Solidária”, mostra que, para esse enunciador, a liberdade, a justiça e a solidariedade podem não ser verdadeiras. Além disso, “onde todos tenham a mesma oportunidade” funciona como uma explicação para as expressões Livre, Justa e Solidária, grafadas com as iniciais em caixa alta. A frase “onde todos tenham a mesma oportunidade” é também uma paráfrase de “igualdade”, que, como já vimos, é um lexema muito presente nos textos do PSDC.

Ainda em relação aos termos grafados em caixa alta, ser “SOCIAL, DEMOCRATA E CRISTÃO” são apresentados como causa para que o enunciador PSDC tenha “um compromisso maior com a FAMÍLIA, com a defesa de seus valores e o atendimento pleno de suas necessidades”. Nesse caso, a família, assim como todos os outros termos que

estão grafados em caixa alta, é apresentada como algo conhecido e incontestável. Além disso, como o lexema família encontra-se no fim da escala argumentativa (CRISTÃO, DEMOCRATA, JUSTIÇA SOCIAL E FAMÍLIA), cria-se o efeito de sentido de que todos os outros termos usados anteriormente no texto convergem para o termo família. Dessa forma, para o enunciador PSDC, ter um compromisso maior com a família pressupõe ser cristão, ser democrata e defender a justiça social. Por fim, o enunciado “UM SÓ BRASIL PARA TODOS OS BRASILEIROS”, que é usado como uma espécie de slogan, materializa a defesa de uma suposta igualdade, como mostrado acima.

Na análise deste exemplo vimos que a família é, para o enunciador PSDC, uma célula fundamental para qual convergem todos os seus esforços de democrata cristão. Entretanto, a família “criada” pelo enunciador PSDC vincula-se a uma imagem cristalizada que une família e religião, como mostra a análise do *Manifesto para criação do Ministério da Família*, também postado no site <http://www.psd.org.br/>.

Manifesto para criação do Ministério da Família

Analisemos, agora, alguns trechos do “Manifesto para criação do Ministério da Família”, buscando confirmar a hipótese, apresentada no final do subtópico 4.1, de que a família criada pelo enunciador PSDC vincula-se a uma imagem cristalizada que une família e religião.

- (2) Hoje, o que mutila a sociedade, em todas as nações, é a desagregação da família e o enfraquecimento dos seus valores.

Neste caso, as expressões anafóricas “a desagregação da família” e “o enfraquecimento de seus valores” fazem funcionar dois pré-construídos: o primeiro é o de que existe uma desagregação da família. Aqui, o lexema *família* aparece tematizado (a família), o que produz um efeito de que se trata de uma noção evidente. De acordo com Maingueneau, noções como *o povo, os cristãos, a França, os comunistas* e, no caso sob análise, *a família*, “que frequentemente figuram em posição temática, dispensam determinação: ‘Sabe-se o que é’, pode-se falar nelas, é possível instituí-las como tema de seu discurso porque ‘são evidentes’” (MAINGUENEAU, 1997, p. 143). Ainda segundo Maingueneau, “tais noções estão saturadas pelo consenso ideológico que estabiliza sua referência” (MAINGUENEAU, 1997, p. 144). No caso do termo família, ele aparece no texto *Manifesto para criação do Ministério da Família* como se fosse uma noção óbvia, absolutamente evidente. Essa suposta estabilização é “construída” no/pelo discurso, ou seja, para o enunciador e para o co-enunciador PSDC “a família” é uma expressão cujo sentido é evidente, pois há toda uma memória discursiva que explica, define, recorta o “sentido” de família que funciona nesse discurso. A segunda expressão referencial, “o enfraquecimento de seus valores”, também faz funcionar um pré-construído, qual seja: o de que a família tem valores. Nesse caso, assim como ocorre com o lexema “família”, o lexema “valores” aparece tematizado, mas não é determinado. Ou seja, o enunciador PSDC não explicita a que tipo de valores ele está se referindo, é como se a expressão “os valores” fosse absolutamente evidente. Esse tipo de construção textual indica um certo funcionamento discursivo: cria-se, com esse tipo de construção, uma espécie de *neutralização discursiva*, pois, nesse caso, segundo Maingueneau (1997, p. 144), “as palavras são tomadas consensualmente com um mesmo sentido para todos”. Isso explica-se por-

que, como o conteúdo do site do PSDC funciona como um tipo de propaganda político-partidária, é comum a instauração de uma imagem de consenso, de harmonia, de não contradição. Contudo, apesar desse aparente consenso, o texto do manifesto indica qual o posicionamento assumido pelo enunciador PSDC, como mostra o seguinte exemplo:

- (3) Caberá ainda ao Ministério da Família promover a integração das ações de governo com as instituições sociais e religiosas do país, comprometidas com a proteção da família, como instituição, e de seus integrantes, como pessoas.

Neste caso, as instituições sociais e religiosas são apresentadas, por meio de uma frase intercalada, como diretamente ligadas à família, pois tais instituições são vistas como sendo, de alguma forma, responsáveis pela proteção da instituição familiar. Dessa forma, verifica-se que uma certa imagem cristalizada de família é retomada: trata-se da família como instituição que está, em boa medida, vinculada às instituições religiosas. Portanto, quando trata de família, o enunciador PSDC está se referindo a família cristã. Esta é a cenografia instaurado no/pelo texto do manifesto. É o que ratifica o seguinte trecho do texto sob análise:

Perdemos os jovens, para a droga e a violência, pelo afastamento da família.

E afastando-se da família, afastam-se os jovens dos valores presentes na comunidade, na escola e na religião. Nesse caso, o enunciador PSDC opõe os contravalores (uso de drogas e violência) aos valores *presentes na comunidade, na escola e na religião*. Dessa forma, o termo “valores”, que antes aparecia tematizado, mas sem determinação, é, neste trecho, vinculado às expressões “a comunidade”, “a escola” e “a religião”. Portanto, a religião aparece como lugar de construção de valores e, por isso mesmo, como mostra o exemplo anterior, ela (a religião) compromete-se com a proteção da família.

No primeiro dado analisado (ato de confirmação), vimos que o enunciador PSDC concentra toda sua argumentação na construção de uma vinculação entre o PSDC e a família, por isso, a família passa a funcionar como uma espécie de plataforma política para o enunciador PSDC. No segundo dado (trechos do Manifesto para criação do Ministério da Família), verificamos que a família “criada” no/pelo discurso materializado nos textos do PSDC é a família cristã, e que, portanto, se constitui com base nos valores cristãos. No terceiro dado analisado, veremos como a essa imagem de família cristã está vinculada uma certa imagem de nação.

Jingle do Eymael:

Por fim, vejamos como a uma certa imagem de família cristã vincula-se uma imagem de nação cristã. Isso pode ser verificado na análise do jingle do Eymael:

- (04) Ei, Eymael, um democrata cristão, pra presidente é 27, o nome é Eymael, pela família e pela nação. Ei, ei Brasil, o democrata cristão, pela igualdade e a felicidade da nação, pra presidente é 27, é Eymael.
E o Brasil é terra fértil, é só plantar. Mas, é preciso a semente escolher, o que plantamos é o que vamos colher

Nas duas primeiras estrofes do jingle, que tem o ritmo de uma música de axé, cria-se, por meio da estratégia textual do paralelismo sintático, uma aproximação entre o candidato à presidência da República do Brasil pelo PSDC, José Maria Eymael, e o

Brasil. As expressões “um democrata cristão, expressão referencial indefinida, e “o democrata cristão”, expressão referencial definida, fazem referência ao candidato Eymael e ao país Brasil, respectivamente. O efeito de sentido que se cria com esse tipo de construção paralela é o de que os dois enunciados se equivalem e que, portanto, Eymael e Brasil se assemelham, têm os mesmos valores, as mesmas metas, etc., ou seja, é como se Eymael e o Brasil formassem uma unidade, um todo.

Além disso, a expressão referencial indefinida (um democrata cristão) seguida pela expressão referencial definida (o democrata cristão) produz um efeito de sentido segundo o qual a segunda seria uma retomada da primeira e, portanto, o sentido de uma estaria totalmente vinculado ao sentido da outra. Cria-se, assim, um efeito de relação entre parte e todo, em que Eymael, um democrata cristão, seria uma parte do Brasil, o qual seria em seu todo “o democrata cristão”.

Por fim, há, ainda em relação às duas primeiras estrofes do jingle, uma inversão: no primeiro enunciado/estrofe temos “pra presidente é 27, o nome é Eymael, pela família e pela nação”; já no segundo enunciado/estrofe lemos “pela igualdade e a felicidade da nação, pra presidente é 27, é Eymael”. Nesse caso, há a repetição, em posições distintas, do complemento “pra presidente é 27, (o nome) é Eymael”, e há também a inclusão do novo: “pela família e pela nação”, no primeiro caso, e “pela igualdade e a felicidade da nação”, no segundo. No primeiro caso, vemos duas expressões tematizadas, mas não determinadas. Como vimos na análise do *Manifesto para criação do Ministério da Família*, o efeito de sentido “criado” com esse tipo de construção é o de que as expressões “a família” e “a nação” são consensuais e têm, portanto, sempre o mesmo sentido.

Por outro lado, as expressões referenciais “a igualdade” e “a felicidade” aparecem determinadas pelo complemento “da nação”. Nesse caso, Courtine (2009), ao tratar de alguns aspectos do discurso político, defende que quando uma determinada palavra funciona como um qualificador de um outro termo (por exemplo, a “classe operária”, em que “operária” determina o sentido de classe; ou “mundo melhor”, em que “melhor” determina o sentido de “mundo”) é porque “existem zonas onde as contradições aparecem, onde as palavras são disputadas e as posições devem poder apoderar-se dessas palavras para interpretá-las a seu favor” (COURTINE, 2009, p. 48). Trata-se, nesse caso, de uma zona do vocabulário “em que a contradição aflora, em que as palavras representam conflito” (MAINGUENEAU, 1997, p. 144). Nesse sentido, a igualdade e a felicidade da nação encontram-se, devido ao paralelismo sintático, relacionadas à família, pois, no enunciado anterior a construção sintática que equivale à construção “pela igualdade e a felicidade da nação” é “pela família e pela nação”. Cria-se, assim, uma cenografia em que a nação é apresentada como uma família. O que ocorre aqui é semelhante ao que ocorre em relação à análise que Maingueneau faz dos manuais escolares da III República na França.

No caso desses manuais, há “um deslizamento metafórico constante de “mãe” para “França”, projetado sintagmaticamente sobre o significante *pátria-mãe*” (MAINGUENEAU, 1997, p. 135). Já, no caso dos textos postados/publicados no site do PSDC, o deslizamento metafórico ocorre entre os termos família e nação (ou também Brasil e nação) e esse deslizamento é projetado não sobre um outro lexema, como é o caso de *pátria-mãe* na análise feita por Maingueneau, mas sobre a cenografia, isto é, sobre a forma de inscrição desses textos: eles se mostram, se inscrevem como se fossem uma conversa entre familiares ou uma carta de um pai (ou um irmão mais velho – José

Maria Eymael) para seus filhos (ou irmãos mais novos – os demais membros do partido). Em relação à carta, vale salientar que, além dos textos analisados para este trabalho, encontramos, no site sob análise, cartas do presidente do partido José Maria Eymael para os filiados ao PSDC. Estas cartas, como mostraremos em um outro trabalho, o ethos do enunciador é de um pai (ou, em alguns casos, de um irmão mais velho) que aconselha o filho (ou o irmão mais novo).

Por fim, o último trecho do jingle (“E o Brasil é terra fértil, é só plantar. Mas, é preciso a semente escolher, o que plantamos é o que vamos colher”) retoma, por meio da memória discursiva, dois enunciados que circulam em campos distintos. A primeira parte – “E o Brasil é terra fértil, é só plantar” - é uma alusão à carta (relato de viagem) que Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal, Dom Manuel⁴. A segunda parte do enunciado – o que plantamos é o que vamos colher - é um dito popular que surge fazendo alusão a um texto bíblico (a parábola do semeador). Entre essas duas frases, temos uma oração contrajuntiva: “mas, é preciso a semente escolher”. Essa contrajuntiva relaciona os dois enunciados trazidos de outros discursos, pois funciona como argumento C, portanto mais forte do que aquele apresentado na primeira parte do enunciado, argumento A (O Brasil é terra fértil, é só plantar), para se chegar à conclusão de que colhemos o que plantamos (o que plantamos é o que vamos colher). Aqui, a semente é um lexema usado para como paráfrase para o nome Eymael, que se repete nos dois primeiros versos do jingle, e que é apresentado, nessas duas estrofes, como possibilidade de escolha para presidente do Brasil. Portanto, para o enunciador PSDC, a nação, que é apresentada como uma extensão da família, precisa de uma boa semente (um bom governante), assim como a família precisa de um pai, para que possa crescer.

Considerações finais

Os resultados mostraram que os diferentes discursos materializados nos textos do PSDC estão, em alguma medida, relacionados a imagens cristalizadas (pré-construídos e estereótipos) que já circulavam na sociedade.

No primeiro dado analisado (ato de confirmação), vimos que o enunciador PSDC concentra toda sua argumentação na construção de uma vinculação entre o PSDC e a família, por isso, a família passa a funcionar como uma espécie de plataforma política para o enunciador PSDC. No segundo dado (trechos do Manifesto para criação do Ministério da Família), verificamos que a família “criada” no/pelo discurso materializado nos textos do PSDC é a família cristã, e que, portanto, se constitui com base nos valores cristãos.

Finalmente, no terceiro dado analisado, a essa imagem de família cristã vincula-se uma certa imagem de nação: nação fértil, mas que precisa de uma boa semente para que possa crescer. Em síntese, por meio de diferentes textos (Ato de Confirmação, Manifesto e Jingle), que se inscrevem por meio de variadas cenografias (profissão de fé, conselho, música de axé), vemos a reconfiguração de imagens cristalizadas que já circulam em nossa sociedade, como, por exemplo, a de que a nação é uma grande família.

⁴ “Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém, a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados [...] Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem” (Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, Dom Manuel).

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. ; PIERROT, A. H. *Estereotipos y clichés*. Traducción y adaptación: Lelia Gándara. 1. ed. 4. reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2005. [Primeira Edição: 1997]. Enciclopedia Semiológica. 131 p.
- COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009. 250 p.
- HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução de Maria Fausta Pereira de Castro. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 241 p.
- LIPPMANN, W. *Opinião pública*. Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008. Coleção Clássicos da Comunicação Social. 352 p.
- MAINGUENEAU, D. A cena de enunciação. In: _____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004. p. 85-94.
- _____. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1997. 198 p.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. 317 p.